

**GRAMATICALIZAÇÃO E METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM:
UMA ANÁLISE DA EXPRESSÃO É QUE**

**(Grammaticalization and language metafunction:
an analysis of the expression *é que*)**

João Bosco FIGUEIREDO-GOMES

*(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Faculdade de Letras e Artes,
Campus Avançado Prefeito Wálter de Sá Leitão)*

Maria Medianeira de SOUZA

(Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação)

Resumo: *Este trabalho objetiva apresentar os processos/mecanismos que caracterizam a emergência dos diferentes usos da expressão É QUE, correlacionando as metafunções da linguagem com o seu percurso de mudança linguística via gramaticalização. Esta investigação analisa, diacronicamente, dados amostrais de textos escritos do Português do século XII ao XX. Os resultados empíricos parecem comprovar a hipótese da trajetória unidirecional Objeto/Espaço > Texto, resultantes da reanálise do uso original trecentista de é o que em É QUE. Em relação às metafunções da linguagem, o percurso de mudança do significado é: Ideacional (concreto) > Textual (textual-discursivo) > interpessoal (epistêmico).*

Palavras-chave: *gramaticalização; É QUE; Metafunções da linguagem; modalidade.*

Abstract: *This paper aims at presenting the processes/mechanisms which characterize the emergence of different uses of the expression “É QUE”, correlating its path linguistic change via grammaticalization of language metafunctions. This investigation diachronically analyses sampling data of written texts in Portuguese from the Twelfth to the Twentieth Century. The empirical results seem to prove the unidirectional trajectory Object/Space > Text hypothesis, resulting from the reanalysis of the original Fourteenth-century use of “é o que” to “É QUE”. In terms of the language metafunctions, the trajectory of change in meaning is: Ideational (concrete) > Textual (discursive textual) > Interpersonal (epistemic).*

Key-words: *grammaticalization; É QUE; Language metafunctions; modality.*

INTRODUÇÃO

É crescente o uso, tanto no Português Brasileiro (PB) quanto no Português Europeu (PE), da expressão *É QUE*. Mas há divergências, entre os linguistas, em relação à origem, natureza e função dessa expressão. Este artigo consiste, pois, num relato dos resultados de uma investigação empírica do caráter multifuncional do *É QUE*, em textos escritos.

Tradicionalmente, o *É QUE* é tratado como uma “partícula expletiva” ou “palavra denotativa”, que não exerce função gramatical, serve apenas para dar realce ou ênfase (Bechara, [1961] 2001; Rocha Lima, [1957] 1992). Em estudos mais recentes, à luz da Linguística Moderna, a expressão é vista como uma “construção enfática”, descrita como um recurso formador de estruturas clivadas que servem para dar realce e funcionam como marcador de foco, portanto tem função pragmático-discursiva (Casteleiro, 1979; Braga, 1989; Lopes Rossi, 1993; Modesto, 1995; Kato *et al.*, 1996; Longhin, 1999; Costa; Duarte, 2001).

As amostras (1) e (2), que se seguem, ilustram alguns usos atuais da expressão *É QUE*, apresentadas como *slogan* em propagandas, (1) no PE e (2) no PB:

(1) COFIDIS. ATÉ 6000€ VOCÊ *É QUE* DECIDE.
(Jornal Correio da Manhã, 15/07/2007:32)

(2) A VIDA É O QUE É A gente *É QUE* pode ser mais!
(Mala direta em 12/12/2007)

Segundo o gramático Said Ali ([1921] 2001) e o lexicólogo Bueno de Sequeira (1954), o *É QUE* data do século XIX ou fins do século XVIII, portanto é uma expressão recente na língua portuguesa. Já segundo as linguistas Duarte (1992) e Lopes Rossi (1993), corroboradas por Kato *et al.* (1996), o *É QUE* emerge na segunda metade do século XIX e é tratado como uma partícula. Longhin (1999), que faz um estudo diacrônico das sentenças clivadas, afirma que, nos séculos XIII a XV, já aparecem estruturas similares às clivadas atuais, inclusive com *É QUE*, embora com interpretação ambígua.

Creemos que esse desencontro quanto à natureza e à emergência do *É QUE* se deva a essa expressão trazer arraigado o estigma de um uso de

partículas “expletivas” que devia ser evitado, principalmente na língua escrita, numa tentativa de preservação de uma norma dita “cultu” e “padrão”. Entretanto, pelo fato de seu uso estar crescendo tanto no PB quanto no PE, desde o século XIX, justificamos esta investigação, que objetiva apresentar os processos/mecanismos que caracterizam a emergência dos diferentes usos do *É QUE*, correlacionando as metafunções da linguagem ao seu percurso de mudança linguística via gramaticalização. Esse objetivo se relaciona a perguntas específicas, as quais procuramos responder: (i) quando surgiu como expressão? (ii) Como foi o seu percurso de gramaticalização? (iii) Que funções essa expressão desempenha?

Considerando a língua como instrumento de interação social entre os seres humanos, adotamos duas vertentes funcionalistas, a linguística funcional norte-americana e linguística sistêmico-funcional, cujo interesse é investigar a língua como sistema não-autônomo, sensível a pressões das diferentes demandas de uso (de ordem estrutural, cognitiva ou social) no contexto das interações verbais. Partimos da hipótese de que, na relação de forma-função nesse contexto mais amplo da linguagem e da comunicação, a expressão *É QUE*, ao invés de “expletiva”, ou apenas de “marcador de foco”, tem um caráter multifuncional. Por assim ser, os usos da expressão *É QUE* são resultantes de um processo de gramaticalização, que, correlacionados com as metafunções da linguagem, partem diacronicamente de significados mais concretos para outros mais abstratos, atuando, na situação de interação comunicativa, para atender às necessidades expressivas e informativas dos interlocutores.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos o *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006), com amostras de textos portugueses do século XII ao século XVIII e de textos das 1^a e 2^a metades dos séculos XIX e XX do PB e do PE. Considerando os objetivos deste trabalho, compusemos uma amostra de 182 textos, (≈ 30 páginas/século) escritas do século XII ao XVIII. Visando a uma análise mais compacta, levantamos e agrupamos os dados por par de séculos: Português Antigo (PA) – séculos XIII e XIV, Português Médio (PM) – séculos XV e XVI, e Português Clássico (PC) – séculos XVII e XVIII.

Este artigo está organizado em quatro partes: a primeira situa as duas vertentes funcionalistas que abalizam a investigação; a segunda apresenta

estudos que correlacionam o processo de gramaticalização às metafunções de linguagem; a terceira relata a emergência dos diferentes usos da expressão *É QUE*; e, por último, a quarta seção apresenta os estágios de gramaticalização da expressão *É QUE* e a sua correlação com as metafunções da linguagem, que resultam na multifuncionalidade dessa construção.

1. OS FUNCIONALISMOS

Contrariando a consideração de que a língua é um sistema autônomo, um fenômeno mental, que pode ser descrito como objeto formal, imanente, concepção própria dos formalistas, os funcionalistas tendem a considerá-la como um fenômeno social, um instrumento de comunicação, cuja estrutura tem regularidades provisórias, sensível às pressões de uso provenientes de diversas situações comunicativas.

Os funcionalistas trabalham essencialmente com dados de fala ou escrita, retirados de contextos reais de interação humana, observando as relações entre os constituintes linguísticos e seus significados ou funções, ou entre a língua e seu meio.

Assim, tendo como pressupostos o fato de que a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico e o de que essas funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico, para esse estudo, focalizamos dois modelos funcionalistas: o de orientação norte-americana que abriga o estudo da gramaticalização, desenvolvida por Hopper (1987; 1991), Heine *et al.* (1991), Traugott (1989; 2001), Traugott & König (1991) e o modelo sistêmico-funcional desenvolvido por Halliday (1985), Halliday & Matthiessen (2004) sobretudo naquilo que dá conta das metafunções (significados) que organizam funcionalmente a linguagem.

1.1. A Linguística funcional norte-americana e a gramaticalização

A linguística funcional norte-americana busca explicar a forma da língua através do uso que se faz dela. Assim, a língua é usada para satisfazer necessidades interativas, e suas estruturas devem ser explicadas com base no uso real a que elas se prestam. Nesse sentido, a língua é tida como um “sistema adaptativo” (Du Bois, 1985), uma “estrutura maleável” (Bolinger, 1977)

e “emergente” (Hopper, 1987), posto que está sujeita às pressões do uso, ou seja, a codificação linguística é resultante do uso (da língua).

Du Bois (1985) considera a gramática como um sistema adaptativo em que forças motivadoras dos fenômenos externos penetram no domínio da língua e passam a interagir com forças organizadoras internas, competindo e conciliando-se sistematicamente com elas. Deriva daí o fenômeno da gramaticalização, que pode ser visto como a evolução de construções relativamente livres no discurso, motivadas por necessidades comunicativas, para construções relativamente fixas na gramática. Pode-se perceber, então, nesse processo a ideia de contínuo em que, num polo, há construções mais frouxas e, no outro, construções mais fixas.

Segundo Bolinger (1977), cabe ao linguista investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas, seus contextos de uso específico. Nessa perspectiva, uma gramática funcional visa explicar as regularidades da língua conforme as circunstâncias sob as quais as pessoas a utilizam, ou seja, a descrição e a explicação dos fenômenos linguísticos precisam incluir referência ao falante/escritor, ao ouvinte/leitor, aos seus papéis e seu estatuto numa situação de interação determinada socioculturalmente.

Hopper (1987) propõe uma gramática *emergente* definida como um repertório de estratégias rotinizadas de construções discursivas. Essas estratégias são improvisadamente agrupadas sempre que interagimos, e pode resultar desse agrupamento diversificado o surgimento de novas estratégias linguísticas candidatas à gramaticalização, caso se tornem habituais por aparecerem frequentemente em um dado contexto de uso.

Assim, a gramática é fortemente suscetível à mudança, posto que ela é intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia a dia. Os itens ou construções lexicais vão-se adaptando à negociação na interação face a face, em que o interlocutor faz novos usos dessas estruturas, a partir de suas experiências anteriores com padrões gramaticais existentes, inferindo, metaforizando, reanalizando, fazendo analogias, tentando, enfim, ajustar suas gramáticas, para se fazer entender e para entender. Essa prática faz que esses padrões, relativamente rotinizados ou fixos, sirvam de modelo para novos padrões comunicativos, novos modos de fazer discurso, que, se habitualizados, tornam-se novos itens ou construções gramaticais – ocorrendo o que chamamos de *gramaticalização*.

Tradicionalmente, gramaticalização é o processo histórico unidirecional e dinâmico, pelo qual itens lexicais adquirem novos *status* como formas gramaticais morfossintáticas e passam a codificar relações não codificadas ou codificadas diferentemente (Traugott; König, 1991). Por exemplo, o verbo *ser* (= existir), na dimensão lexical/etimológica, passa para o *status* de cópula na morfossintaxe. Já numa perspectiva semântico-pragmática, a gramaticalização é entendida como a mudança pela qual itens lexicais e construções aparecem em certos contextos linguísticos para servir a funções gramaticais, ou itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais (Traugott, 2001).

Defendemos, pois, que a gramaticalização é um processo em que as mudanças acontecem de maneira gradual, numa escala unidirecional e contínua, partindo de um significado mais concreto para um mais abstrato.

Nessa perspectiva da unidirecionalidade como propriedade da gramaticalização em fenômenos da linguagem, dois mecanismos em especial têm sido considerados como responsáveis pela migração de um estágio a outro: transferência metafórica e pressão de informatividade (ou metonímia).

A transferência metafórica, segundo Heine *et al.* (1991:43), é um dos principais mecanismos que subjazem ao processo de gramaticalização. Por meio da transferência metafórica, conceitos menos complexos (mais concretos) passam, num processo de abstratização crescente, a conceitos mais complexos (mais abstratos). Assim, conceitos que estão mais próximos da experiência humana são utilizados para expressar outros que são mais abstratos.

Enquanto a metáfora envolve a especificação de um conceito, geralmente mais complexo, em termos de outro não presente no contexto, a metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto. Trata-se de um mecanismo de mudança cujas motivações estão no contexto linguístico e pragmático de uso de uma dada forma: há uma associação conceitual entre entidades de algum modo contíguas, de forma que o item linguístico que é usado em referência a uma delas passa a ser usado também para outra.

À metonímia está ligado um mecanismo chamado por Traugott & König (1991:194) de inferência por pressão de informatividade, que designa o processo em que o item linguístico passa a assumir um valor novo, inferido do original, devido à convencionalização de implicaturas conversacionais por

meio de pressões do contexto de uso. Quando uma implicação comumente surge com forma linguística, pode ser tomada como parte do significado desta, podendo até mesmo chegar a substituí-lo.

A analogia e a reanálise são mecanismos ligados aos processos cognitivos da metáfora e da metonímia, respectivamente. A analogia é um mecanismo que não causa propriamente a mudança linguística, mas a expansão da mudança na língua, ou seja, estende regras de generalização a itens, atraindo-os para construções já existentes, acarretando a disseminação da inovação para domínios diversos. A analogia aproxima psicologicamente categorias situadas no eixo paradigmático. Esse processo pode ser captado pela fórmula A:B::C:D, em que D representa a forma surgida por analogia. É, por exemplo, o que acontece com as tentativas de regularização de alguns usos como *menos/menas, seja/seje*. Trata-se, portanto, da extensão de um uso mais geral para substituir usos menos gerais.

A reanálise é um mecanismo que consiste na reestruturação de itens ou construções, resultando em uma reinterpretação das relações entre eles. Envolve a reorganização e mudanças, frequentemente locais, situadas no eixo sintagmático, mas não implicando nenhuma modificação intrínseca ou imediata na manifestação superficial da construção reanalisada. Assim, os falantes mudam de percepção de como os constituintes de sua língua estão inter-relacionados e, por meio do tipo de raciocínio conhecido como *abdução*, apagam os limites entre esses constituintes, estabelecendo novos “cortes”.

A reanálise e a analogia são mecanismos que estão presentes na mudança linguística. Embora eles não definam a gramaticalização, esta não ocorre sem eles. É nessa perspectiva de gramaticalização que observamos aqui os diferentes usos do *É QUE*.

1.2. A linguística sistêmico-funcional e as metafunções da linguagem

A outra vertente funcionalista que utilizamos é o modelo de Halliday (1985), denominado Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). O termo *sistêmico* refere-se às redes de sistemas da linguagem (envolvendo os sistemas de *transitividade*, o sistema de *modo e modalidade*, e os sistemas de *tema* e de *informação*). Já o termo *funcional* refere-se às funções da linguagem, que

usamos para produzir significados (as chamadas metafunções¹ *ideacional*, *interpessoal* e *textual*).

Na LSF, a gramática é vista como o mecanismo linguístico que liga umas às outras escolhas significativas que derivam das funções da linguagem, e realiza-as numa forma estrutural unificada. Nela, as diferentes redes sistêmicas codificam diferentes espécies de significado que se ligam às diferentes funções da linguagem. A gramática, portanto, organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante/escritor opera escolhas simultâneas, para qualquer uso que faça da língua.

Tendo, pois, como objetivo estudar a língua em uso, a LSF analisa sempre produtos autênticos da interação social, aos quais ela denomina *texto*. Nesse modelo, todo texto é multidimensional, realizando mais de um significado simultaneamente, portanto um sistema de significados, conforme as metafunções que organizam a linguagem.

Assim, o sistema de *transitividade*, que especifica os papéis dos elementos da predicação (Ex.: ator, meta), codifica os significados de nossa experiência, tanto do mundo exterior (social) quanto no mundo interior (reações, cognição, percepção, assim como atos linguísticos de falar e de entender), descrevendo, portanto, processos mentais, materiais e abstratos; nesse ponto de vista, a oração é entendida como um processo (reflexivo, perceptivo) de ações, eventos, processos de conscientização e relações. O sistema de transitividade liga-se à metafunção *ideacional* de referir ou denotar.

Já o sistema de *modo* (Ex.: indicativo, imperativo, estruturas interrogativas) e *modalidade* (Ex.: auxiliares modais, elementos modalizadores) codifica as funções de sujeito, predicador, complemento, por exemplo, e diz respeito à troca, i.e., aos papéis da fala, no sentido de interagir com as outras pessoas. É por meio dela que o falante/escritor expressa seu julgamento e suas atitudes (componente de orientação para o falante/escritor), bem como as relações que estabelece entre si próprio e o ouvinte/leitor, ou seja, estabelece e mantém relações comunicativas, sociais (componente de orientação para o ouvinte/leitor). Nessa perspectiva, a oração é entendida como um ato de fala (troca de papéis em interações retóricas – perguntas, ofertas, comandos). O sistema de modo e modalidade liga-se à metafunção *interpessoal* de expressar papéis e atitudes dos participantes numa situação comunicativa.

1. Usamos metafunção quando nos referimos à terminologia de Halliday.

O sistema de *tema* (tema e rema) e o de *informação* (dado e novo, foco), que especificam as relações (dentro do enunciado; ou entre o enunciado e a situação), dizem respeito a organizar a mensagem (organizando o fluxo discursivo e criando continuidade), ajustando-a a outras mensagens e ao contexto mais amplo, i.e., à função linguisticamente intrínseca, a metafunção *textual* de atuar na organização do texto. Ainda no componente textual da gramática funcional, diferentemente das noções de tema e informação, encontra-se o conceito de *coesão textual*, que consiste nas relações semânticas por meio das quais a interpretação de um item depende de outro que integra o mesmo texto e estabelece-se mediante o emprego dos recursos de referenciação, repetição, sequencição, junção, clivagem, por exemplo.

Na LSF, os elementos linguísticos não significam isoladamente uns dos outros. Os significados, relacionados às metafunções *ideacional*, *interpessoal* e *textual*, funcionam com um todo integrado e são alcançados por meio das escolhas que os falantes/escritores fazem, dentro do potencial de significados que existe na língua. Embora a LSF focalize as escolhas e os significados que elas constroem, a forma se torna importante para se analisar, por exemplo, a diferença do efeito comunicativo da mensagem, obtido por meio da escolha de uma determinada forma e não de outra, ou as características do contexto que levam o falante/escritor a escolher um item léxico-gramatical e não outro. Por exemplo, nas amostras (1) “Até 6000€ você *É QUE* decide” e (2) A gente *É QUE* pode ser mais!, é notório o papel de persuasão com o uso do *É QUE*, quando o propagandista faz essa escolha, objetivando obter uma atitude dos interlocutores, destinatários das propagandas, destacando-os como elementos importantes ao escolherem o empréstimo ou estilo de vida, respectivamente.

2. AS METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM NA GRAMATICALIZAÇÃO

Baseados na proposta de Halliday (1985), e Halliday e Matthiessen (2004), existem vários estudos que relacionam as funções da linguagem com os percursos de mudança linguística via gramaticalização, como, por exemplo, os de Traugott (1982; 1989), Heine *et al.*(1991) e Gorski *et al.*(2004).

Traugott ([1982] 1993) relaciona as funções da linguagem à mudança linguística por gramaticalização, mas utiliza uma versão modificada da terminologia de Halliday (1985). Em vez do termo ideacional, usa *proposicional*, e *expressivo* para a função interpessoal. Com base nos achados de um extenso *corpus* de dados, ela defende que uma mudança semântico-pragmática, nos estágios iniciais da gramaticalização, dá-se no sentido unidirecional, do componente proposicional via textual para o funcional expressivo. A autora argumenta que mudanças contrárias, ou seja, do expressivo por meio do textual para funções “proposicionais” são “altamente improváveis na história de um marcador gramatical” (Traugott, [1982] 1993:256).

Heine *et al.*(1991), discutindo o processo de transição de conceitos concretos do mundo real (domínio de *re*) para o mundo do texto (domínio de *dicto*), afirmam que a distinção desses dois mundos corresponde a das noções das metafunções *ideacional* e *textual* de Halliday (1985). Admitem que o padrão de transferência na gramaticalização segue a direção: da metafunção ideacional para a textual; coincidindo, portanto, com os achados de Traugott. Mas também assumem que a situação é mais complexa no caso da metafunção interpessoal.

Diante dessa complexidade, Heine *et al.* (1991:191) postulam uma divisão da metafunção *interpessoal* em dois componentes: um *orientado para o falante* e outro *orientado para o ouvinte*. O primeiro se refere ao que o falante/escritor tem em sua mente: suas atitudes, julgamentos, crenças, etc.; e o segundo serve para estabelecer e manter relações sociais. Advertem, porém, que a fronteira entre os dois nem sempre é muito clara. Para os autores, a hipótese de Traugott (1989) trata principalmente do componente *orientado para o falante* da metafunção *Interpessoal*. E argumentam que as situações mais nítidas de interação com o ouvinte/leitor envolvem enunciados que servem para direcionar algumas obrigações que se quer impor aos destinatários, tais como os enunciados de perguntas e de comandos. Segundo os autores, esses enunciados também mostram claramente um “comportamento vis-à-vis de gramaticalização”, pois eles podem desenvolver-se, e frequentemente o fazem, em estruturas cuja principal função é construir texto, estabelecer relações coesivas, relações entre sentenças, conforme Halliday (1985), além de, na maioria dos casos, introduzir cláusulas subordinadas.

Contrapondo-se a Traugott (1989) no que se refere à direção *textual* > *interpessoal*, Heine *et al.* (1991) apontam como evidência principal para

abalizar o desenvolvimento do componente *orientado para o ouvinte* da metafunção *interpessoal* para a metafunção *textual* vem de exemplos que envolvem a reanálise de estruturas com marcador de interrogação se gramaticalizando como marcador de subordinação, como acontece em muitas línguas. Isso ocorre, inclusive, no português, com o desenvolvimento do pronome interrogativo *quem* (= *Quem chegou?*) para o subordinativo (*Não sei quem chegou.*). Há, nesse caso, nitidamente um componente interacional forte no primeiro emprego e um componente textual no segundo, ou seja, a trajetória *interpessoal* > *textual*.

Segundo os autores, há subjacente a essa transferência da metafunção *interpessoal* para a metafunção *textual*, uma estratégia de o falante/escritor estabelecer uma relação entre o ouvinte/leitor e o texto, por exemplo, chamando à atenção para uma determinada parte do texto ou despertando o interesse do ouvinte/leitor por aquela parte. Com o tempo, a reanálise e a gramaticalização vão fazendo que essa relação passe gradualmente a ser reinterpretada (reanalizada) como uma relação entre diferentes partes desse texto, evidenciando, pois, a metafunção *textual*.

Com base nessas considerações, Heine *et al.* (1991:191) propõem, “pelo menos com referência ao componente *orientado para o ouvinte* da função interpessoal”, a seguinte trajetória de desenvolvimento das metafunções: Ideacional > Interpessoal > Textual.

Na literatura linguística brasileira, há o trabalho de Görski *et al.* (2004) sobre os itens *olha/veja* e *quer dizer*, observando os aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização, especialmente no que concerne aos componentes: *orientado para o ouvinte* (interacional/intersubjetivo) e *orientado para o falante* (expressivo/subjetivo) presentes na metafunção *interpessoal* da linguagem.

As autoras defendem que pode haver fortalecimento pragmático, principalmente, por inferências e implicaturas conversacionais decorrentes de pressões de informatividade, em diferentes instâncias de um processo de gramaticalização, dependendo dos contextos comunicativos de negociação entre falante/escritor e ouvinte/leitor. Por essa razão, sugerem que a metafunção *interpessoal* não deve ser inserida no contínuo de mudança correlacionado às metafunções da linguagem.

Baseadas nisso, Görski *et al.* (2004) consideram que a mudança semântico-pragmática se dá na direção *ideacional/proposicional* > *textual*, podendo ser perpassada pela metafunção *interpessoal* a qualquer ponto do percurso. As autoras também defendem que, dependendo dos itens analisados, pode haver proeminência do componente *orientado para o ouvinte* ou *orientado para o falante*. No âmbito da metafunção *interpessoal*, elas têm como hipótese que o desenvolvimento se dá na direção *interacional* > *expressivo* (e não o inverso).

Com base no exposto, podemos destacar alguns pontos de convergência e de divergência entre as trajetórias apresentadas para as metafunções da linguagem. Como ponto de convergência, verificamos que: (a) os percursos aceitam a coexistência das funções de linguagem na gramaticalização; (b) a trajetória de mudança ocorre na direção: Ideacional (Proposicional) > Textual; (c) o fenômeno da gramaticalização é unidirecional. São pontos divergentes: (a) o desenvolvimento da função *expressiva* da linguagem ocorre posteriormente ao da função textual (Traugott, 1989); (b) a divisão da função *interpessoal* em dois componentes: um *orientado para o falante* e outro *orientado para o ouvinte* (Heine *et al.* 1991); (c) a função *expressiva* de Traugott contempla apenas o componente *orientado para o falante* da função *interpessoal* de Heine *et al.* (1991); (d) a função *interpessoal* não deve ser inserida no contínuo de mudança correlacionado às funções da linguagem, pois ela pode ocorrer em qualquer ponto do percurso (Görski *et al.*, 2004); (e) os percursos de gramaticalização são unidirecionais, mas não necessariamente lineares (Görski *et al.*, 2004).

Esses pontos nos incentivaram a verificar qual seria a distribuição para as metafunções da linguagem (Halliday; Matthiessen, 2004), conforme o percurso de gramaticalização de *É QUE*, objetivo desta investigação.

3. A BUSCA DA EMERGÊNCIA DA EXPRESSÃO *É QUE*

Descartada a possibilidade de a construção com *É QUE* ser herdada do latim (Cf. Cart *et al.* 1986), concentramos a nossa atenção naquilo que chamamos de *construções afins*, isto é, aquelas tidas como embrionárias tanto para os estudiosos tradicionais como para os linguistas que, de alguma forma, mostram interesse pela dita “partícula expletiva” *É QUE*, que vai

da simples menção a estudos mais aprofundados, como o de Casteleiro (1979).

As construções afins foram agrupadas em dois tipos de estrutura: as construções de clivagem e as estruturas especificacionais. As construções de clivagem são empregadas para focalizar um elemento frasal e permitir uma leitura de contraste. São construções que envolvem as frases ditas “clivadas”: *ser ... que*, como (3); as “pseudoclivadas básicas”: *O que... ser*, como (4); as “pseudoclivadas invertidas”: *ser o que*, como (5); e as “pseudoclivadas invertidas de *é que*”: *Ser que(m)*, como (6) e (7).

(3) Contexto: A fé católica

Segundo natura que fillou, quis morrer, quanto carne, por nos saluar, ... recebeu morte na uera cruz ... e depouys resucitou-se em carne e amostrou-se aos seus dicipulos e comeu com elles e leyxous confirmados em sa fe sancta catholica e subyo aos céus en corpo, en dignidade e ende uerrá na cruz en este mundo dar juyzo aos boos e aos mãos *E esta é a nossa fé catholica, que firmemente teemos e cremos*. E cuida á fe guardar (e) a eygreya de Roma, que a manda guardar come sacrafiço de nostro Senhor Ihesu Christo, ... (COMTELPO. XIII.0007)

(*E esta é a nossa fé católica que firmemente temos ...*)

(4) Contexto: A descendência dos fidalgos

(*título resumo) *Os que foram em estas lides som estes*, e todos os fidalgos que ora há em Portugall e a mayor parte dos de Castella e de Galliza deçemderom delles : primeiramente dom Affonso Ermigit de Bayam que he no titullo XL de dom Arnaldo, (...) (COMTELPO.XIII.0280)

(*Os que estavam nestas lides são estes, ...*)

(5) Contexto: Livro das Linhagens do Conde D. Pedro

(* Em nome de Deus que he fonte e padre damor, e por que este amor nom sofre nenhuuma cousa de mal ..., e nenhuum melhor serviço nom pode o homem fazer que amalo de todo seu sem, e seu proximo como ssi mesmo, *este precepto he bo que Deus deu a Moysés na vedra ley*. Porém eu conde dom Pedro filho do muy noble rrey dom Denis ouve de catar por gram trabalho por muitas terras escripturas que falluam dos linhageens.

(COMTELPO.XIV.0230)

(*Este precepto é o que Deus deu a Moisés...*)

(6) Contexto: Carta sobre a Fortuna

(* Meu amigo e Senhor: agradeço a V. M. o desejo que me mostra de que eu tenha maior fortuna; não se preocupe tanto a meu favor, porque a fortuna que tenho, é a mesma que devo ter: *o merecimento é que faz a fortuna*, e quem o não tem, que fortuna há-de esparar? (COMTELPO.XVIII.0193)

(7) Contexto: Governo dos antigos Lusitanos

(...) este Terreno, que designaõ pelo nome de Lufitania, he habitado de Póvos diferentes independentes huns dos outros, e governados cada hum por suas Leis, e costumes particulares; leis raras, e costumes singelos, ainda com a marca da natureza não contrafeita.

*Como a fequrança própria **be quem** só fórma estes corpos, não largaõ da liberdade que receberão da natureza, mais que o puramente preciso para conservar effa mefma fequrança.* (COMTELPO.XVIII.0023)

As estruturas especificacionais são aquelas que um valor é atribuído a um elemento frasal. Envolvem as frases nominais que tenham, como constituintes, a cópula e a conjunção subordinativa integrante *...ser que...*, como (8).

(8) Contexto: O Evangelho

(...) Se a falla torpe ençuja π chama os demoões. *magnifêsto **be que** a liçom spñal fanctifica π arãca agraca do spũ onde jaz foterrada.* (COMTELPO.XV.0023)

*(Se a fala torpe suja e chama os demônios, manifesto é **que** a lição espiritual santifica ...)*

Além das construções citadas, Figueiredo-Gomes (2008) encontrou, no século XII, época do “nascimento da língua portuguesa”, a estrutura **DEM + SER + SN + QUE**, tal como em (9), que tem a presença de três elementos que lhes são comuns: a cópula *ser*, o demonstrativo “o”, e o “que” (pronomo ou conjunção) e aproxima-se do uso atual das frases ditas “clivadas”.

(9) Contexto: Notícia de herdades

Hec est notitia de heritates *quas* ego pelagius suerij cognomento romue dedi uxori mee sanchia anriquiz, *pernominatas/ por* suas arras. xij, casales e una quintana. (COMTELPO.XII.0519)

*(Esta é a notícia de herdades **que** eu, Pelagio Suerij, nome da família de Roma, dei a minha esposa Sanchia Anriquiz, a título de arras, doze casais e uma quinta.)*

A Tabela 1, a seguir, apresenta o desenvolvimento do uso das construções afins desde o Português Antigo ao Clássico:

Tabela 1: Frequência dos usos das construções afins de *É QUE* do Português Antigo ao Clássico no COMTELPO

PERÍODO CONSTRUÇÕES		PA	PM	PC	TOTAL
DEM+SER+SN+QUE		31	18	08	57
SER+DEM+QUE	DEM O(s)	10	23	31	64
	Outros DEM	12	14	01	27
PC	O QUE ...SER	08	06	10	24
SER QUE	Fórmula “ <i>É QUE</i> ”	-	02	14	16
	Ser+CI	11	22	21	54
	MOD+Ser+CI	03	10	06	19
	Ser quem	-	03	02	05
	Outros	-	03	01	04
Construção QUE		-	01	-	01
TOTAL		75	102	94	271

Segundo a Tabela 1, as construções afins DEM+SER+SN+QUE, SER+DEM+QUE, PC e *É QUE*, depois de surgirem, persistiram por todos os três períodos verificados. Contudo, como dizem Traugott & Heine (1991), quanto mais frequente é a forma linguística, mais probabilidade ela tem de se gramaticalizar. Então, o Português Antigo apresenta a construção DEM+SER+SN+QUE como a mais frequente, mas seu uso, como compete com as outras três construções, vai tornando-se mais restrito e mais especializado a cada período.

A construção SER+DEM+QUE é a de segunda maior ocorrência no Português Antigo e diferentemente da anterior, revela um aumento em frequência com o passar dos tempos. Há um ápice dessa construção no Português Médio. É no século XVI que aparecem as primeiras ocorrências da expressão *É QUE* inicial, no COMTELPO, como em (10), e um pequeno declínio, no Português Clássico, momento em que o uso da expressão *É QUE* medial já apresenta ascendência, como (11).

(10) Contexto: Título do Conto V apresentando como as zombarias são más (*) CONTO. V. AO PROPOSITO DO PAffado, π *be que jaq as zombarias lam más*: na praça ou na barca lam piores. Trata do que aconteceu em hũa barca zombando, π hũa reposta fofil.

A PROPOSITO do dito graue que fica a tras me lembrou hum cafo que aconteceu na barca Dalcacere, indo á feira de Beja: & *be, que leuãdo vento a popa, bia muita gente affentada no bordo da barca*, & da banda da vella estaua hũ homẽ de Viana quebrado, que tinha hũa grande corcoua nas coftas,... (COMTELPO.XVI.0009)

(... *Ao propósito do passado, é que, já que as zombarias são más, na praça ou na barca são piores. ... um caso que aconteceu na barca Dalcacere, indo à feira de Beja: e é, que, levando vento à popa, ia muita gente sentada no bordo da barca ...*)

(11) Contexto: A verdade sobre o pai

(...) *E porque sobretudo a informação e nderdade de Vossa Paternidade **be que** ha de realçar esta nossa abonação e credito, pois Vossa Paternidade sabe tudo melhor que ninguém como quem tam particularmente em uida, (...)* (COMTELPO. XVII.0104)

A construção de clivagem “PC”, apesar de também já figurar com baixa frequência, no Português Antigo, tem menor uso no Português Médio e retorna a ascender no Período Clássico, porém com ocorrência menor do que as outras duas construções no Português Antigo e no Português Médio.

Com base no desenvolvimento dessas construções, pudemos verificar uma tendência de progressão: $DEM + SER + SN + QUE > SER + DEM + QUE$, ou seja, há o apagamento do demonstrativo inicial ou a retomada de seu referente anafórico/catafórico para ocupar a sua posição e ocorre também o desenvolvimento do $SN > DEM$. Já o uso da construção $SER + DEM + QUE$, em plena ascensão do Português Antigo ao Português Clássico, apresenta uma especialização do uso da construção $SER + O + QUE$, no Português Médio, em detrimento dos outros demonstrativos que têm pouco uso no Português Clássico.

Com base nesses dados, há uma forte tendência de a expressão *É QUE* derivar da evolução do seguinte percurso: $DEM + SER + SN + QUE > SER + DEM + QUE > SER + O + QUE > SER QUE$.

Contudo, já que a expressão *É QUE* não vem do latim e, segundo Costa e Duarte (2001), é resultante de um processo de reanálise específico do PE e do PB, seria precipitação nossa traçar uma trajetória, enfatizando mais os usos e dados estruturais da língua portuguesa, sem verificar os processos/mecanismos de gramaticalização por que passaram os elementos dessas construções, quais sejam: demonstrativo, cópula SER e QUE (pronomes ou conjunção), já que há uma tendência translinguística de gramaticalização desses elementos em outras línguas, *pidgins* e crioulos (cf. Heine; Kuteva, 2002). A seguir, apresentamos os estágios de gramaticalização do *É QUE*, correlacionando-os às metafunções da linguagem.

4. ESTÁGIOS DE GRAMATICALIZAÇÃO DO *É QUE* E AS METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM

Baseados na tendência do percurso de gramaticalização traçado, resultante da observação da frequência das construções afins e da evolução dos três elementos gramaticais envolvidos nesse processo, sintetizamos, a seguir, esses achados em quatro estágios por que julgamos terem passado tais elementos até a gramaticalização da expressão *É QUE* na língua portuguesa.

Consideramos como Estágio 0 a presença da construção *Hec est (SN) que* flagrada no galego-português, do século XII, ilustrada na amostra (9), em que há uma plenitude de significado. Há uso de um *demonstrativo* de proximidade “*Hec*” inicial, que, por catáfora antecipa a referência, ou seja, o documento apresentado localmente como Objeto concreto: “*notitia de heritates*”, para apresentar o texto e introduzir o conteúdo dele. A cópula *ser* tem a função de identificar ou especificar o sujeito por meio do sintagma nominal predicativo, que, por sua vez, é seguido de uma cláusula relativa encabeçada pelo pronome *que* (conector subordinativo). Enfim, temos, nesse estágio, um documento como Objeto concreto, referenciado contextualmente no espaço real, visto como parte da descrição de uma situação verificável, de algo que existe no mundo, portanto um significado mais concreto que se situa proeminentemente na metafunção *ideacional*.

No Estágio 1, ainda no Português Antigo, continua o uso da proto-construção *DEM + SER + SN + PR* em frases complexas, como na amostra (3). Mas podemos observar o movimento dos elementos embrionários dessa construção, como em (12). Devido à alta frequência, ou seja, à rotinização da construção, ocorre um fortalecimento pragmático e inicia-se seu percurso de mudança. Então, continuando o processo de mudança, o sintagma nominal intercalado tem um significado mais genérico, como em (13). A referência anafórica, ou mesmo catafórica, não se limita só ao Objeto, mas ao Espaço co-textual ou contextual, apresentado em (13), como o demonstrativo inicial invariável (*Esto* = isto), portanto mais abstrato, referindo-se à porção textual anterior (uma anáfora proposicional, não mais uma referência a um sintagma). Há, nesse estágio, a mudança metafórica: Objeto > Espaço. Já há uma transferência da metafunção ideacional (significado concreto > significado mais abstrato) para a metafunção textual (referência nominal > referência textual).

(12) Contexto: Significado da visão

(...) Os três touros eram liados polos corpos: *sam estes três cavaleiros que já sam assi liados de humildade* que já soberva nom pode a eles entrar. Os outros touros que diziam: <<Vaamos buscar millhor pasto que este é >>, *estes sam os companheiros da Távola Redonda que disserom, em dia de Pinteoste*: <<Vaamos aa demanda do Santo Graal e seremos avondados das honras no mundo ... (COMTELPO.XIII.0126)
(...*são estes três cavaleiros que já são assim ligados pela humildade... estes são os companheiros da Távola Redonda que disseram no dia de Pentecoste*:)

(13) Contexto: Estórias do ermitão

(...) E contou-lhes de Josep e de rei Mordaim e de Naciam e de quaes homẽes foram e de quaes cavaleiros e de qual amor Nosso Senhor os amara. *Esto era a cousa que el de grado mais do mundo que escutava* e que o mais confortava, ... (COMTELPO. XIII.0054)

(*Isto era a coisa que ele com maior agrado do mundo que escutava ...*)

Do Estágio 1 ao 2, há a evolução do sintagma nominal intercalado, como em (9) e (12a/b), para um pronome demonstrativo, que ainda concorda em número e gênero com o sujeito do verbo *ser* na frase anterior (matriz), como na amostra (14). Então a categoria Espaço é conceptualizada por uma referência demonstrativa, intercalando a cópula *ser* e o *que* marcador da cláusula relativa (*SER + DEM + PR*), como em (14) e (15). Podemos observar também que o pronome demonstrativo inicial ora é substituído por um sintagma nominal, ora vem como um determinante demonstrativo, como em (16). Como resultado de inferências de implicaturas conversacionais e da pressão de informatividade, aparece a construção *é o que*, mostrando um uso mais especializado e mais fixo do demonstrativo “o”, que se refere ao sujeito da cláusula matriz, numa construção típica do que, atualmente, denominam “pseudoclivada invertida”, como em (17).

(14) Contexto: A procura dos cavaleiros das seedas (= cadeiras).

- Jhesu Cristo, Padre, Senhor de totalas cousas, beento sejas tu que me leixaste tanto viver a Távola Redonda comprida, que nom falecessem ende fora dous.

Entam disse a aqueles que as seedas haviam de catar:

- *Quaes são esses que falecem?*

- Senhor, disserom eles, Tristam e a seeda perigosa, que nom é comprida. (COMTELPO.XIII.0029)

(- *Quais são esses que faltam?*)

(15) Contexto: Tomada de Tavira

(...) dantrẽ os moros que jaziaõ os corpos delles lançados no fangue com as efpadas nuas e troucheraõnos á Villa e fizeraõ na mefquita mor Igreja de Santa Maria e

mandou fazer um moymento em que poz fete efculos com as vieiras do Senhor Santiago e ali foraõ fobterrados todos feis e o mercador com eles *os nomes dos quaes são os que se seguem* dom Pero Paes commendador mor Mem do Valle, Damião Vaz Alvaro GraciaEsteuaõ Vaz Vallerio de Offa e o mercador Gracia Rodriguez cujos corpos foraõ defpois tidos em grande relíquia ... (COMTELPO.XIII.0092)
(...e ali foram enterrados todos os seis e o mercador com eles os nomes dos quais são os que se seguem ...)

(16) Contexto: Descendência de Dom Tello

Este dom Tello foy casado com dona Maria filha do iffamte dom Affomsso de Portugall e de dona Viullamte filha do iffamte dom Manuell e de dona Costamça d'Aragom, e fez em ella dona Isabell. Esta dona Isabell se uê casada com dom Joham Affomsso o boo d'Albuquerque, e fez em ella dom Martinho. *Este dom Joham Affomsso foy o que trouuerom no ataúde os iffamtes suso ditos* e outros muitos boons como se mostra em este titullo parrafo XII hu está tal sinall. (+) (COMTELPO.XIII.0279)
(*Este dom João Afonso foi o que trouxeram no ataúde os infantes antes ditos...*)

(17) Contexto: O cavaleiro da cadeira perigosa.

(...) - Rei Artur, eu te trago o cavaleiro desejado, aquel que vem do alto linhagem del-rei David e de Josep Baramatia, (...)
- Se esto é verdade, vós sejades bem viindo. E bem seja veúdo o cavaleiro, *ca este é o que há-de dar cima aas aventuras do Santo Graal*. Nunca foe feito em esta casa tanta honra, como lhe nós faremos. (COMTELPO.XIII.0030)
(... *porque este é o que há de dar fim às aventuras do Santo Graal.*)

Ao usar a construção *é o que* em uma situação comunicativa, o falante/escritor sente a necessidade de fazer remissão ao Espaço textual já mencionado, com o uso da referência demonstrativa “o” (e não mais O Objeto), de modo a intensificar a informação para a qual ele quer chamar a atenção do ouvinte/leitor. Estruturalmente, é uma construção morfossintática de clivagem, portanto mais gramatical, empregada para focalizar um elemento da cláusula matriz, a qual está bem mais integrada à cláusula relativa. Entretanto, do ponto de vista semântico-pragmático, a clivagem vem a serviço da ênfase que o falante/escritor imprime ao sinalizar o desejo de chamar a atenção do ouvinte/leitor para algo; e, para tanto, o falante insere um argumento (informação) em um argumento maior, objetivando economia e informatividade. Com base apenas nesse aspecto, a tendência de gramaticalização se daria *Demonstrativo > Foco*, por meio da metáfora Objeto > Espaço > Conexão Textual.

Continuando o percurso, ainda como uma construção de clivagem, não mais do tipo “pseudoclivada invertida”, a construção *é o que* passa por uma *reanálise*, ou seja, há uma reformulação sintático-semântica que, por meio do processo metonímico, transforma-a em *É QUE*. Há, portanto, a reanálise do demonstrativo com o relativo, ou seja, os dois passam a ser reinterpretados por um “*que*” complementador (conjunção integrante), logo mais gramatical, como em (18).

(18) Contexto: O anjo e a alma em um lugar muito formoso

(...) E quando a alma uio tanta aligria, ... preguntou entõ ao angeo de quaes era aquella folgança? E o ango disse:

- He daqueles que receberõ marteiro por amor de Deus e por esso rrecebẽ tanta honra, como tu vees: *outros som que uiuerom em castidade.*

Entom olhou a alma a todas as partes e uio mujtos castellos e mujtas torres e mujtas tendas d'ouro ... (COMTELPO.XIV.0046)

(... *outros são que viveram em castidade.* ...)

Em (18), o falante, que é o “angeo”, em sua resposta, chama à atenção do ouvinte, a alma maravilhada com “aquella folgança”, dando ênfase à informação “outros”, de forma a realçar aquilo que é mais importante em sua mensagem. Há, portanto, na frase dois níveis de informação marcados explicitamente pelo acréscimo do SER QUE: um nível focal e um não-focal. Caracteriza-se, assim, uma construção de clivagem, embora não seja ainda com a fórmula *É QUE*, posto que a cópula ainda atende às restrições de concordância verbal.

Nesse caso, não se aplicaria a tendência translinguística de gramaticalização: *Demonstrativo* > *Foco*; seria mais viável a tendência *Demonstrativo* > *Complementador* > *Marcador de foco*. Mas a função de marcação de foco incorpora o *ser* reanalisado, o complementador vem sempre depois da cópula, a qual concorda em número-pessoa com o sujeito da cláusula matriz e atende às mesmas restrições de tempo da cláusula complementadora. É o caso da construção de clivagem chamada de “pseudoclivada invertida de *é que*” (Costa; Duarte, 2001) ou “construção *É QUE*” (Braga, 1989; Longhin, 1999).

Essa construção ainda se encontra no Estágio 2, momento que corresponde a uma mudança das unidades linguísticas relativa à metafunção textual da linguagem. A mudança atua, então, na “construção do texto”, na organização do discurso, de modo a operar no co-texto (organizando

a mensagem) e na situação (ajustando a mensagem a outras, ao ouvinte/leitor ou ao contexto mais amplo). Os dados do Português Antigo do COMTELPO parecem evidenciar a trajetória: metafunção *ideacional* (significado concreto) > metafunção *textual* (significado textual-discursivo) no início da gramaticalização de *É QUE*; ou seja, segue o percurso: *Hec est...q* (Estágio 0 e 1) > *é o que* (Estágio 2)

Esse Estágio 2 parece corresponder à explicação do lexicólogo Bueno de Sequeira (1954:92-5), por meio dos exemplos (19) a (22), para a expressão *É QUE*, um idiotismo, para ele, que resultou de uma generalização analógica, porque começou a ser usada com um sujeito masculino do singular, como em (19) e, uma vez com o uso generalizado, passou para o feminino do singular, como em (20), e para o plural dos dois gêneros, como em (21). Depois, houve a supressão do demonstrativo, conservando-se a frase no singular, e a expressão se tornou fixa na forma masculina, como em (22), portanto, invariável.

- (19) “O homem *é o que* ofende a Deus.”
- (20) “A mulher *é a que* deve obedecer.”
- (21) a. “Os homens *são os que* ofendem a Deus.”
b. “As mulheres *são as que* não querem obedecer.”
- (22) a. “Os rebanhos *é que* fazem a felicidade do campo.”
b. “As mulheres *é que* não querem obedecer.”

Para essa supressão e consequente fixação, o autor supõe que “deve ter influído a existência de três outros encontros de ‘é que’, nos quais a partícula *que*, não era pronome, mas conjunção” (Bueno de Sequeira, 1954:93). Os encontros citados para a mudança *pronome* > *conjunção* são “o *é que* das afirmações enfáticas”, em (23), com uma possível inversão SER... QUE > É QUE; “o *é que* de uma “oração *integrante predicativa*”, em (24), com a inversão ao lado para comprovar que se trata de uma predicativa; e a “locução explicativa *é que*, correspondente a ‘razão por que’ em latim, *ratio quia*”, como em (25).

- (23) a. “*É* daí *que* lhe vem toda a graça.” Vieira 2:15 “(Daí *é que*)”
b. “Agora *é que* tinham melhor lugar os desmaios da Esposa.” Vieira 7:46
- (24) “A maior circunstância que temos dele *é que* foi no lugar da Parada”. “*Que* foi no lugar da Parada *é* a maior circunstância.” Arcebispo, 2:114

- (25) “Os carvalhos ... e as boninas não ousam erguê-la (a frente) para o céu. *É que* rugindo, a ventania cai da montanha...” Herc., *Lendas*, 2:106.

As amostras garimpadas no COMTELPO parecem confirmar, pois, o desenvolvimento *É O QUE* > *É QUE* sugerido por Bueno de Sequeira (1954), tanto na posição medial, antecedido de um sintagma adverbial, como “*o é que* das afirmações enfáticas” em (23b), quanto na posição inicial, como uma locução explicativa, embora tenhamos uma hipótese mais ampla para esse desenvolvimento.

Flagramos as primeiras ocorrências da expressão *É QUE* inicial, nos textos do século XVI do COMTELPO, como nas amostras retrocitadas em (10): a. AO PROPOSITO DO PAssado, π *he que já q as zombarias lam más*: e b. & *he, que leuãdo vento a poça, hia muita gente affentada no bordo da barca*, que parecem funcionar parcialmente diferente.

No primeiro uso, a construção “*he que*”, constante do título do conto, é antecedido pelo sintagma adverbial “AO PROPOSITO DO PAssado” que situa a informação no tempo e não se trata de uma explicação genuína: seria redundante o uso de um *é que* explicativo, antecedendo uma outra locução conjuntiva explicativa “*já q*” (= *já que*). Porém, introduz a frase, de modo a esclarecer a informação presente no segmento anterior. No segundo uso, apesar de não haver uma normatização padrão para a ortografia e para a pontuação empregadas, o contexto sugere início de frase; além de já não existir paralelismo verbal no tocante ao tempo entre o *ser* no presente e os verbos das frases contíguas – anterior e posterior – no pretérito, assumindo, na época, seu caráter invariável na fórmula *É QUE*.

Desse modo, as duas amostras de (26) ampliam a trajetória de gramaticalização para o *É QUE* inicial, sugerindo um Estágio 3, em que a expressão funciona como um organizador textual-pragmático, indicando o início, introduzindo e esclarecendo a informação, ou seja, um marcador típico de aberturas de turno. Supor isso não invalida, por completo, a intuição do lexicólogo, posto que a função de esclarecedor, num plano escalar, fica no contínuo da explicação; além disso, os dois *É QUE* enfatizam a informação anteriormente conhecida e a que está por vir, orientando, portanto, o ouvinte/leitor, configurando a proeminência da metafunção *interpessoal* nesse estágio.

Já no desenvolvimento do *É QUE* medial, observamos que, com a frequência do uso no decorrer do tempo, a rotinização da “construção *É QUE*” (de clivagem) faz que ocorra uma generalização analógica por meio do padrão de uso (Fries, 1940). Continuando seu fortalecimento pragmático, a pressão de informatividade e a convencionalização de inferências conversacionais fazem com que a construção se torne mais contígua e assumam seu caráter de fórmula “*É QUE*”, invariável, como um morfema não segmentável, funcionando não mais como um *conector*, mas sim como um “*marcador de ênfase*” – presente em uma única cláusula, como ilustramos na amostra (6): *o merecimento é que faz a fortuna...*

Com base nessa tendência, os dados do Português Antigo ao Português Clássico do COMTELPO podem evidenciar, tanto em início de frase como em posição medial, o percurso de gramaticalização: *é o que* (Estágio 2) > *É QUE* (Estágio 3), predominando a trajetória das metafunções: *textual* (significado textual-discursivo) > *interpessoal* (significado pragmático-discursivo).

Como até o Português Clássico, não houve a ocorrência de *É QUE* em frases interrogativas, bastante usadas atualmente no PE e no PB, decidimos ampliar o *corpus*. Os novos dados do Português Moderno do COMTELPO revelam as primeiras ocorrências ainda na 1ª metade do século XIX, havendo uma única ocorrência no PEM e duas no PBM, ilustradas nas amostras (26) e (27), respectivamente.

(26) Contexto: O domínio do latim pela nova geração
 SOB. (...) O pharisaismo moderno, como não encontra Christo que sentencear, arvora cruz ao genio, e crucifica o porque não sabe latim.
 TIO. Faze-me o somno (*abre a bocca, e benze-a*) *Como é que* vossês tão lidos pelos modos, em bons exemplares, são tão immoraes?
 SOB. É porque o latim não moralisa... Vamos ao serio: em que está a nossa desmoralisação? (COMTELPO.XIX.PE1M.003)

(27) Contexto: Diálogo entre um livreiro velho (LV) e seu filhos
 (...) LV – Jezus me valha! Meos filhos! E quando isso quizesse, era algum absurdo? Com esse genero de vida pude adquirir para viver com decencia, criarvos, educarvos, e alimentarvos ...
 Rip – Basta, basta, basta! Por semelhante meio nada quizera: Vossa mercê algum dia foi Deputado? Membro, Secretario, ou Prezidente de Sociedades liberaes? Algumas vez (sic) foi a esplendidos Bailes? Já foi corôado em sua vida? *Quando be que, como eu, levou um tiro?!* Diz vossa mercê que fez, e aconteceu; mas de que modo? (COMTELPO.XIX.PB1M.004)

Conforme as amostras (26) e (27), o *É QUE* medial também ocorre depois de elementos interrogativos. Apesar de achar sua forma embrionária QU+SER+DEM +QUE ...?, apresentada na amostra (14): *Quaes são esses que falecem?*, do século XIII, essa construção teve também ocorrências nos séculos XIV e XV e reapareceu uma única vez na 1ª metade do século XIX, conforme amostra (28).

(28) Contexto: A excomunicação da cidade pelo cardeal

(...) - Misericórdia! Misericórdia' – gritavam devotadamente homens e mulheres à porta do alácér, com o alarido infernal. O príncipe ouviu aquele ruído.

- *Que vezes são estas que soam?* – perguntou ele a um pajem.

O pajem respondeu-lhe chorando:

- Senhor, o cardeal excomungou esta noite toda a cidade e partiu... (COMTELPO. XIX.PE1M)

A construção Q+SER+DEM+QUE ...?, presente em (28), vem corroborar, também em frases interrogativas, a hipótese de trajetória *é o que* > *É QUE*; hipótese esta também defendida pelas linguistas Duarte (1992) e Lopes Rossi (1993). Segundo as pesquisadoras, a interrogativa *Que é o que (...)?* também aparece no intervalo entre os séculos XVI e XVIII, mas o aparecimento do “expletivo” *é que* deu-se somente na segunda metade do século XIX. Os dados do COMTELPO confirmam isso parcialmente, valendo apenas para o uso da construção embrionária em frases interrogativas, pois, como vimos, os usos do *É QUE* em início e em posição medial de frases declarativas e exclamativas se estabeleceram nos séculos XVI e XVII, respectivamente.

Com esse achado, fechamos o Estágio 3, que corresponde à tendência semântico-pragmática III, de Traugott & König (1991:209), segundo a qual “os significados tendem a tornar-se cada vez mais situados nas crenças/ atitudes subjetivas do falante com respeito à situação”. Esse estágio marca, com proeminência da metafunção *interpessoal*, o estabelecimento da expressão *É QUE* com significação epistêmica relacionada à *realidade*, à *verdade*. Esse significado epistêmico pode ser evidenciado, segundo o princípio de *persistência* (Hopper, 1991:22), por meio do étimo do verbo *ser*. Segundo Vendryès (1921), a raiz proto-indo-europeia *es* (=ser), que forneceu a cópula, em data muito antiga, denota propriamente “a existência, a vida” e o demonstra através do particípio *sat*, que designa “um ser real” e o derivado *satyas*, “verdadeiro”, e mediante o grego *tà ónta*, “a realidade”. A expressão

É QUE enfatiza, portanto, a atitude de certeza do falante/escritor para o ouvinte/leitor, buscando-a ou asseverando-a por meio de contraste.

Sintetizando, apresentamos, no Quadro 1, o percurso de mudança semântico-pragmática do marcador de ênfase É QUE que se dá, no sentido unidirecional, do componente *ideacional* via *textual* para o *interpessoal*, partindo, pois, da referência concreta para a expressão da avaliação do falante para marcar a relevância da informação, colocando-a em saliência para a avaliação do ouvinte.

Quadro 1: Gramaticalização da expressão É QUE segundo as metafunções da linguagem

IDEACIONAL >	TEXTUAL >	INTERPESSOAL
<i>Hec est (SN) q</i> Português Antigo	(Isto) é (o) que Português Antigo	É que / ...é que... / ...é que...? Port. Médio/ Clássico / Moderno
<i>Referência catafórica ao objeto</i> Significado concreto seguido de cláusula relativa	<i>Referência anafórica ao objeto</i> Significado textual-discursivo Relativo > Complementador de cláusula	<i>Referência reanalisada</i> (implícita) Significado epistêmico (pragmático-discursivo) presente em uma única cláusula Complementador > <i>Marcador de ênfase</i>

Conforme o Quadro 1, o último movimento caracteriza a proeminência do componente *interpessoal*, centrado no falante/escritor, chamando a atenção do ouvinte/leitor para algo (*orientado para o ouvinte*), uma vez que, no processo interativo, entra em jogo a adequação do uso aos propósitos tanto do falante/escritor quanto do ouvinte/leitor. Essa relevância é, nesse estágio, marcada sem a referência demonstrativa, embora ela esteja implícita, para significar a crença/atitude do falante/escritor. Essa mudança sugere a tendência de uma cadeia do tipo: *construção lexical plena* > *construção morfossintática (de clivagem)* > *marcador discursivo*, demonstrando uma mudança para uma construção mais abstrata e subjetiva do mundo em termos de linguagem.

Como *marcador discursivo*, os usos do É QUE encontrados atuam no monitoramento da interação, na organização textual-discursiva e na organização da hierarquia informacional e realizam-se por meio dos tipos:

I - *marcador enfático-interrogativo é que*: operador que enfatiza a busca da certeza epistêmica do argumento como resposta à informação desconhecida, como em (29).

(29) Contexto: Acontecimentos da década dignos da mídia

(...) Querem crer? *O que é que terá sido mais espetacular?* As imagens da jovem princesa desfeita no túnel d'Alma, em Paris, ou as torres de petróleo a arder no Kuwait? (COMTELPO.XX.PEM)

II – *marcador enfático-explicativo é que*: operador que introduz e enfatiza um argumento relativo a enunciados anteriores, explicando-os ou esclarecendo-os, como em (30).

(30) Contexto: Depoimentos da namorada de Pessoa

(...) Foi o próprio Fernando que me recebeu nesse dia. (...) A certa altura disse-me timidamente:

«- Sabe, queria prevenil-a duma coisa. *É que a passadeira da escada tem um buraco*, e não vá a menina cair ... » Depois calou-se e, passado um bocado, disse: «Há outra coisa de que queria prevenil-a; *é que o outro sócio, o Valadas, é um pouco rude*. Ele não é má pessoa, sabe, mas é da GNR e não vá a menina chocarse com qualquer coisa...» (COMTELPO.XX.PEM.0267)

III – *marcador enfático-contrastivo é que*: operador que assinala (enfatiza) um argumento, dando uma certeza epistêmica a uma determinada conclusão, e contrastando-o com conteúdo(s) pressuposto(s), como em (31).

(31) Contexto: Conversa sobre uma passagem da Bíblia

(...) João Grilo – (...) Está escrito lá assim mesmo?

Manuel – Está. É no Evangelho de São Marcos, capítulo treze, versículo trinta e dois.

João Grilo – *Isso é que é conhecer a Bíblia!* O Senhor é protestante?

Manuel – Sou não, João, sou católico. (...) (COMTELPO.XX.PBM.0187)

Como vimos, o marcador de ênfase *É QUE* também funciona como um marcador epistêmico, expressando uma atitude do falante/escritor que manifesta o grau de certeza, positiva ou negativa, em relação à proposição. Então, por ser um ativador de pressuposição por excelência, como na amostra (31), e por manifestar-se em asserções do tipo *realis*, *irrealis* e negativa (cf. Givón, 2001; Figueiredo-Gomes, 2011) e junto a outros modalizadores de frase, intensificando-os epistemicamente, a expressão *É QUE* funciona como um *modalizador epistêmico de asseveração*.

CONCLUSÃO

Conforme os dados do COMTELPO, o *É QUE* na posição inicial surge no Português Médio. No Português Clássico, surge o *É QUE* com posição medial de frases declarativas e exclamativas; e somente, no Português Moderno, em frases interrogativas.

Os resultados empíricos tendem a evidenciar o percurso de mudança semântico-pragmática do marcador de ênfase *É QUE*, cuja gramaticalização se dá inicialmente por processos metafóricos (Objeto/Espaço > Conexão Textual) e efetiva-se por processos metonímicos (construção morfossintática [de clivagem] > marcador discursivo).

Observando o percurso dos quatro estágios por que passou a expressão *É QUE* desde o Português Antigo até o Português Moderno, verificamos que as mudanças partem de conceitos concretos para conceitos mais abstratos, por meio das formas *Hec est (SN) q* (Estágios 0 e 1) > *é o que* (Estágio 2) > *É QUE* (Estágio 3), predominando a trajetória das metafunções da linguagem: *ideacional* (significado concreto) > *textual* (significado textual-discursivo) > *interpessoal* (significado pragmático-discursivo).

Esse percurso vem abalizar, duplamente, o princípio da unidirecionalidade na gramaticalização por meio tanto da descategorização estrutural, que pode levar ao aumento do vínculo dentro construção (caráter de fórmula *É QUE*) quanto do aumento simultâneo da força pragmática e da abstração semântica, que pode levar a construção a um novo significado como *marcador discursivo*, que acumula as funções de *marcador de ênfase* e de *modalizador epistêmico de asseveração*.

Acreditamos que os resultados desta investigação possam trazer contribuições para futuras pesquisas funcionalistas e para as aplicações pedagógicas que visem a uma melhor compreensão do funcionamento e uso da expressão *É QUE*, proporcionando o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

Recebido em fevereiro de 2012

Aprovado em julho de 2013

E-mails: boscofigueiredo@yahoo.com.br;
medianeirasouza@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. [1961] 2001. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BOLLINGER, D. 1977. *The form of language*. London: Logman.
- BRAGA, M. L. 1989. As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro. *Relatório apresentado ao CNPq*. Rio de Janeiro. (mimeo).
- BUENO DE SEQUEIRA, F. M. 1954. *A ação da analogia no português*. Rio de Janeiro: Organizações Simões.
- CART *et al.* 1986. *Gramática latina*. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed da USP.
- CASTELEIRO, J. M. 1979. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com “é que”. *Boletim de filologia*, tomo XXV, fascículos 1-4. Lisboa: Centro de linguística da Universidade de Lisboa.
- COSTA, J.; DUARTE, I. 2001. Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, p. 627-38.
- DUARTE, M. E. L. 1992. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas-Q no português do Brasil. *DELTA*, v. 8, número especial, p. 37-52.
- DU BOIS, J. W. 1985. Competing Motivations. In: Haiman, J. (ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 343-65.
- FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; PENA-FERREIRA, E. (org.) 2006. *Corpus mínimo de textos da língua portuguesa – COMTELPO*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/PDEE/CAPES. (mimeo).
- FIGUEIREDO-GOMES, J. B. 2008. *O percurso de gramaticalização do “é que”: um estudo pancrônico*. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Brasil.
- FIGUEIREDO-GOMES, J. B. 2011. Modalizador epistêmico de asseveração *É QUE*. In: Nogueira, M. T. (org.) *Modo e modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC.
- FRIES, C. C. 1940. On the development of the structural use of word-order in Modern English. *Language*, 16, p. 199-208.
- GIVÓN, T. 2001. *Syntax. An introduction*. Vol. 1. Amsterdam: Benjamins.
- GÖRSKI, E.; ROST, C. A.; DAL MAGO, D. 2004. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: Crhistiano, M. E. A.; Silva, C. R.; Hora, D. *Funcionalismo e gramaticalização; teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia.

- HALLIDAY, M.A.K. 1985. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. 2004. *Introduction to functional grammar*. London: Arnold, 3rd edition.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. 1991. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. 2002. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOPPER, P. J. 1987. Emergent grammar. *BLS* 13:139-157.
- HOPPER, P. J. 1991. On some principles of grammaticalization. In: Traugott, E. C.; Heine, B (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. I. Amsterdam: Benjamins.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. 2003. *Grammaticalization*, 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- KATO, M. A. *et al.* 1996. As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: Koch, I. G. V. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMPI/FAPESP.
- LONGHIN, S. R. 1999. *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.
- LOPES ROSSI, M. A. G. 1993. Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português. In: Roberts, I.; Kato, M. A. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMPI.
- MODESTO, M. 1995. *As construções clivadas no PB: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. Dissertação de Mestrado – F.F.L.C.H./USP, São Paulo.
- ROCHA LIMA, C. H. [1957] 1992. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SAID ALI, M. [1921] 2001. *Gramática histórica da Língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.
- TRAUGOTT, E. C. 1982. From propositional to textual and expressive meanings; some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization, In: Traugott, E. C.; Hopper, P. J. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1989. On rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language* 65, p. 31-55.
- _____.; HEINE, B. (eds.) 1991. *Approaches to Grammaticalization*, v.1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

- _____.; KÖNIG, E. 1991. The semantics-pragmatics of Grammaticalization revisited. In: Traugott, Elizabeth C. ; Heine, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. I. *Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: Benjamins.
- _____. 2001. *Legitimate counter examples to unidirectionality*. Paper Presented at Freiburg University, October 17th.
- VENDRYÈS, J. [1921] 1950. *Le langage*. Paris: Berne.